

NOTA INTRODUTÓRIA

Desde as últimas décadas do século XX que, no campo da arte, a apropriação da noção de dispositivo adquire um carácter fortemente operativo. Sabemos que esta mesma noção ocupa um lugar central na obra de Michel Foucault, precisamente a partir dos anos setenta.

Diz o autor que o dispositivo tem uma função estratégica dominante e não apenas um significado jurídico ou militar, nem se reduz a um *apparatus* tecnológico pois não estamos apenas a falar de dispôr peças de uma máquina. As linhas infinitas que o formam, conduzem-no e atravessam-no em múltiplas direcções, Como uma rede que se tece entre os diversos elementos de um conjunto heterogéneo, o dispositivo inscreve-se em relações de poder.

Esta noção, assim equacionada, é frequentemente reduzida à condição de estrutura ou material semiótico para as práticas artísticas, sendo entendida como *display*, disposição arquitectónica e design de exposições ou mesmo efeitos cenográficos das instalações.

Ora, o dispositivo não se limita ao simples aspecto visual que enforma e transforma a apresentação da obra. Pensamos que a noção de dispositivo se banalizou e empobreceu. Perdeu consistência epistemológica. É claro que somos prisioneiros de múltiplos dispositivos mas para compreender a sua presença no território da arte e fazer aparecer a multiplicidade de enunciados, será necessário compreender a sua história, constituição e articulação como meio e expressão de poder.

Como afirma Gilles Deleuze "ao lermos os últimos livros de Foucault, devemos, o melhor que possamos, compreender o programa que ele propõe aos seus leitores. Uma estética intrínseca dos modos de existência como última dimensão dos dispositivos?"¹ Talvez esse programa se encontre ainda por cumprir.

É à luz desta configuração conceptual que o Ciclo Dispositivos # 2, com os textos críticos de Maria Covadonga Barreiro, Nuno Rodrigues e Hugo Paquete, se propõe contribuir para iniciar a construção desse programa.

Eduarda Neves